



A AUTOCONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PESQUISADOR: UM ESTUDO A PARTIR DAS NOÇÕES DE ÉTICA E TÉCNICA*

Debora Cristina Pacheco MARTENDAL (PG-UEM)

RESUMO

O objetivo central no presente estudo foi identificar quais os dispositivos (técnicos) que se mostraram relevantes na constituição do sujeito-pesquisador em duas universidades paranaenses. Para tanto, foram analisados os conceitos de ética para Michel Foucault e de técnica para Martin Heidegger. A relação entre essas duas noções constituiu nosso principal ponto de apoio teórico. Tal relação se evidencia como fundamental para entender novas formas de controle do trabalho produtivo, o que é essencial para a administração. Metodologicamente, o estudo se caracterizou como qualitativo. Foram feitas análises de entrevistas semiestruturadas para investigação da relação entre a autoconstituição do sujeito-pesquisador e aspectos técnicos que se evidenciaram como sendo relevantes nesse processo de autoconstituição. Foi realizada a análise do conteúdo dos dados identificados e, após, realizamos análise do discurso, a partir das noções foucaultianas de ética do sujeito e dispositivo. Finalmente, fizemos sua interpretação a partir da noção heideggeriana de técnica moderna. Sete dispositivos principais foram identificados como os mais relevantes na constituição do pesquisador.

Palavras-chave: Técnica moderna. Ética do sujeito. Sujeito-pesquisador.

1. INTRODUÇÃO

Segundo GRANGER (1994, p. 23-39), a ciência moderna caracteriza-se, dentre outros aspectos, por sua relação especial com a técnica, ao inundar esta com aspectos como a possibilidade de formalização, de comunicabilidade, distintos da técnica em seu sentido original de arte (*téchne*). Para outros autores (HEIDEGGER, 2010; GALIMBERTI, 2006; CRAIA, 2013) essa técnica moderna, agora marcada por um espírito científico (como define o próprio Granger, 1994, p. 41) apresenta-se, por sua vez, como um horizonte, um contexto no qual agora a ciência (dentre muitos outros fenômenos) aparece – quase necessariamente – como um fazer que pode ser reduzido – ou igualado – à produção calculada, racionalizada, de objetos quantitativamente mensuráveis (GALIMBERTI, 2006, p. 452).

É nesse mesmo sentido que Heidegger procura definir a técnica moderna em sua essência. Para ele a técnica não é apenas um conjunto de meios para o alcance de fins, ela é mais do que isso. A técnica tem como propriedade principal o *desvelamento* da natureza (e da natureza humana também) como repositório de energia. No mesmo sentido Duarte (2010) afirma que a técnica moderna deve ser entendida como um processo de *desocultação*:

[...] o processo de desocultamento que vige e domina na técnica moderna não é mais um pro-duzir no sentido de “levar-à-frente”, do trazer o ente à luz da presença, mas, sim, um “desafiar (Herausfordern) que estabelece para a natureza a

Artigo submetido em 07/05/2016 e aprovado em 21/06/2017.

*A autora registra seus agradecimentos ao CNPq que, por meio do PIBIC, possibilitou condições que viabilizaram a realização deste estudo.

exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada como tal (DUARTE, 2010, p.128).

Dessa forma, Duarte (2010, p. 129) conclui que a técnica moderna é uma *provocação* da natureza, um desafio que se lhe impõe e cujos resultados trazem consigo o domínio planejado e calculado daquilo que assim se desoculta. Essa propriedade passa a ser encontrada no fazer ciência – e no fazer-se cientista, ou pesquisador – na medida em que essa ciência moderna, agora, torna-se por sua vez tecnicada, no sentido aqui discutido.

Para Michael Foucault a ética é uma relação consigo mesmo, é um trabalho de nós sobre nós mesmos enquanto seres livres, uma prova histórica dos limites que podemos superar (CASTRO, 2009, p. 154 e 155). Trata, portanto, daquele *fazer-se cientista*, ou pesquisador, de que se falou acima e que sofreria, conforme pressupomos impacto do processo de *desvelamento* provocado pela técnica, enquanto contexto do *fazer ciência* hoje. Conforme Foucault (2006, p. 265) afirma, a ética é um exercício de si sobre si mesmo através do qual o indivíduo humano, enquanto sujeito, procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser. Portanto, ética para Foucault é o trabalho de *tornar-se si mesmo* – subjetivação – que certamente toma como referência – mas não se reduz a – a série de discursos e dispositivos não discursivos que cercam o sujeito, que o perpassam, que o constroem e com os quais ele deve negociar no processo de devir sujeito.

Explorar essa possível relação foi o propósito principal deste estudo, e tal relação se evidencia como fundamental para entender novas formas de controle (via engajamento, por exemplo) do trabalho produtivo e que, conforme defende Rose (1999a), não são mais baseados em vigilância direta, aplicação de sanções ou mesmo no exercício da disciplina, senão em processos mais sutis – e em princípio, pelo menos, menos alienantes – de autovigilância e identificação para com os objetivos das organizações (ROSE, 1999a, p. 244; *vide* também ROSE, 1999b; WALTER, WINKLER, CRUBELLATE, 2013; ZARIFIAN, 2002).

Para tanto, foram estudadas entrevistas já realizadas com pesquisadores de diferentes áreas das Universidades Estadual de Maringá e Federal do Paraná para investigação da relação entre a autoconstituição do sujeito-pesquisador e aspectos técnicos que se evidenciem como sendo relevantes nesse processo de autoconstituição. Essas duas universidades foram selecionadas em decorrência da importância do curso e da pesquisa em biologia em ambas, tanto em âmbito estadual quanto nacional e até mesmo em âmbito internacional.

2. TÉCNICA SEGUNDO MARTIN HEIDEGGER

Heidegger entende que a técnica não é apenas um meio para alcance de um fim, ela é mais do que isso, portanto, para entender a técnica é primordial compreender a sua essência. “A essência de algo vale, segundo antiga doutrina, pelo *que* ela é” (HEIDEGGER, 1997, p.43).

Primeiramente, Martin Heidegger concluiu que a “técnica é um modo de desabrigar” (HEIDEGGER, 1997, p. 53), portanto, ela “se essencializa no âmbito onde acontece o desabrigar e o desocultamento” (HEIDEGGER, 1997, p. 53). Esse desabrigar que domina a técnica moderna, todavia, não se desdobra num levar a frente, mas sim em um desafiar que determina, para a natureza, a condição de fornecer energia capaz de ser extraída e armazenada enquanto tal (HEIDEGGER, 1997, p. 57). “O trazer à frente somente se dá na medida em que algo oculto chega ao desocultamento. Este surgir repousa e vibra naquilo que denominamos desabrigar” (HEIDEGGER, 1997, p. 51). Portanto para Heidegger (1997, p. 59) “o desabrigar que domina a técnica moderna tem o caráter de pôr no sentido do desafio”, sendo assim:

O desencobrimento que domina a técnica moderna possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar. Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se

transformado, o transformado, estocado, o estocado, distribuído, o distribuído, reprocessado. Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar são todos modos de desencobrimento (HEIDEGGER, 2006, p.20).

Craia (2013, p. 250-251) afirma que a técnica moderna desoculta o Ser e o deixa aparecer, portanto, a técnica descobre, transforma, acumula e distribui as coisas segundo fins e objetivos específicos e calculáveis. Duarte (2010, p. 129) complementa dizendo que “a técnica moderna é uma *provocação* da natureza, um desafio que se lhe impõe e cujos resultados trazem consigo o domínio planejado e calculado daquilo que assim se desoculta”. Para Galimberti (2006, p. 388-399) a técnica moderna acumula a força da natureza para *colocá-la à disposição* dos próprios projetos e ela trata a natureza como um *fundo de reserva à disposição*, portanto, a técnica que antes era o *medidor* agora, em sua versão moderna, torna-se o *horizonte*. Ainda segundo Galimberti (2006, p. 382) para os antigos, a técnica servia para obter tudo o que era exigido em vista da satisfação das necessidades humanas, portanto, era funcional ao *consumo*, e não como hoje, à *produção*. Em outras palavras, é a técnica moderna que usa recursos da natureza a seu favor e não mais a natureza que usa a técnica a seu favor.

Somente o que é verdadeiro acontece com o desabrigar, desocultamento ou ainda o desencobrimento. “Somente o verdadeiro nos leva a uma livre relação com o que nos toca a partir de sua essência” (HEIDEGGER, 1997, p. 45). A verdade, em seu sentido originário, é o desocultamento que traz o ente à luz por meio da *téchne* (DUARTE, 2010, p.128). Craia (2013, p. 248) complementa dizendo que a verdade é, portanto, a manifestação no ocultamento do Ser sob o aparecimento do ente. Dessa forma, para Heidegger (2006):

A essência da técnica moderna põe ao homem a caminho do desencobrimento que sempre conduz o real, de maneira mais ou menos perceptível, à disponibilidade. Pôr a caminho significa: destinar. Por isso, denominamos de destino a força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um desencobrimento. É pelo destino que se determina a essência de toda história (HEIDEGGER, 2006, p.27).

Heidegger (1997, p. 61) questiona qual o tipo de desencobrimento que é próprio do que vem à luz através do pôr desafiante, assim sendo, ele conclui que:

Por toda parte ele é requerido, para ficar posto imediatamente para um pôr e, na verdade, numa tal disposição, para novamente ser passível de encomenda para uma encomenda ulterior. O que assim é invocado tem sua própria *posição* (HEIDEGGER, 1997, p. 61, itálico acrescentado).

Heidegger (1997, p. 61) nomeia essa *posição* como subsistência, que segundo ele, significa o modo pelo qual tudo o que é tocado pelo desabrigar desafiante se essencializa, portanto, aquilo que existe no sentido de subsistência não será colocado para nós como um objeto. Heidegger então (1997, p. 65) denomina a invocação desafiadora que reúne o homem a requerer o que se descobre enquanto a subsistência como *armação*. Ele define armação como a “reunião daquele pôr que o homem põe, isto é, desafia para desocultar a realidade, no modo do requerer enquanto subsistência” (HEIDEGGER, 1997, p. 67). Assim sendo, Heidegger afirma que “a essência da técnica moderna se anuncia naquilo que denominamos de armação” (HEIDEGGER, 1997, p. 71). É na armação que ocorre o descobrimento, segundo o qual o trabalho da técnica moderna desabriga o real enquanto subsistência (HEIDEGGER, 1997, p. 67). E o desabriga – ou o expõe – de modo específico, isto é, típico da composição e da coisa na sua datidade. No caso da técnica moderna, a coisa que aparece, aparece conformada por requisitos como previsibilidade, calculabilidade, interveniência ou interferência (já que é a natureza – inclusive a humana – que passa a se conformar a ela (GALIMBERTI, 2006).

Heidegger (1997, p. 73) diz que “a essência da técnica moderna conduz o homem para o caminho daquele desabrigar por onde o real, em todos os lugares mais ou menos captável, torna-se subsistência”. Ainda para Heidegger (1997, p. 73) conduzir por um caminho significa enviar, denomina-se aquele enviar que recolhe e que primeiramente leva o homem para o caminho do desabrigar, como sendo o *destino*. O destino do desabrigamento é, ao mesmo tempo que, em todos os seus modos, um *perigo* (HEIDEGGER, 1997, p. 77). Duarte (2010, p. 153) explica que esse *perigo* que reside na essência da técnica moderna pode ofuscar e apagar todos os modos possíveis de desocultar.

De acordo com Galimberti (2006, p. 391) “o homem não é mais capaz de perceber a si mesmo fora do mundo disposto pela técnica. Como seu *ambiente*, a técnica é aquilo em relação ao qual o homem de hoje chega ao conhecimento de si”. O próprio indivíduo só vai reconhecer-se a partir do momento que passa aparecer mediante os requisitos da técnica moderna.

Galimberti escreveu a partir do seu estudo em Heidegger que:

Diferentemente do que ocorria na antiguidade, a técnica não pode mais ser compreendida numa definição puramente *instrumental* e *antropológica*, porque hoje, diferentemente do que acontecia na antiguidade, a técnica não é um *meio* a serviço do homem, que compreendia a si mesmo a partir de um horizonte mítico ou religioso, mas é o *horizonte* a partir do qual o homem compreende a si mesmo (GALIMBERTI, 2006, p. 392).

Para concluir a questão da técnica, Duarte (2010, p. 129) afirma que a técnica moderna é uma *provocação* da natureza, um desafio que se lhe impõe e cujos resultados trazem consigo o domínio planejado e calculado daquilo que assim se desoculta. Essa propriedade passa a ser encontrada no fazer ciência – e no fazer-se cientista, ou pesquisador – na medida em que essa ciência moderna, agora, torna-se por sua vez tecnificada, no sentido aqui discutido.

3. ÉTICA SEGUNDO FOUCAULT

Foucault trata da ética do sujeito, ética esta que se encontra no conhecimento de si e no cuidado de si, neste último encontra na ética seu lugar fundamental, conforme cita Candiotta (2010, p.126). A ética para Foucault é uma relação consigo mesmo, portanto, “um trabalho de nós mesmos enquanto seres livres, uma prova histórica dos limites que podemos superar” (CASTRO, 2009, p 154). O “cuidado de si”, de acordo com Candiotta (2010, p. 128), diz respeito à atitude diferente consigo, com os outros e com o mundo, indicando assim uma conversão do olhar do exterior para o próprio interior. Sendo assim, é uma preocupação consigo onde o indivíduo deve assumir suas responsabilidades não culpando outro indivíduo por seus atos. Essa conversão do olhar pode ser chamada também de conversão a si, Candiotta (2010, p. 132) a define como o “estado de alguém que está em posse do eu porque o domina”. Esse domínio é a capacidade do indivíduo em exercer poder sobre ele mesmo, controlando seus desejos. A ética é, portanto, uma prática (FOUCAULT, 2014, p. 215). Ela não consiste apenas no dizer, mas sim no dizer associado às atitudes, quando o que você diz está relacionado com o que você faz livremente, se torna verdade e consequentemente ético. “É preciso a cada instante, passo a passo, confrontar o que se pensa e o que se diz com o que se faz e o que se é” (FOUCAULT, 2014, p. 213).

Para Candiotta (2010, p. 148), o cuidado exige praticar a razão tendo em vista a tomada da boa decisão e a ruptura com as falsas opiniões; implica também encaminhar-se em direção da verdade e supõe o exercício da alma na busca da sabedoria. O cuidado de si possui duas exigências, a primeira é a de que os conhecimentos úteis ao ser humano são relacionais e a segunda exigência é que precisam ser transcritos mediante princípios de verdade (CANDIOTTO, 2010, p. 133). Ainda segundo Candiotta (2010, p. 146) “a articulação entre

maneira de viver e enunciação da verdade está orientada para o cuidado de si”. Trata-se então do *fazer-se cientista*, ou pesquisador, o qual sofreria impacto do processo de desvelamento provocado pela técnica moderna. A ética para Foucault é, portanto, o trabalho de *tornar-se si mesmo* – subjetivação – que toma como referência – mas não se reduz a – os discursos e dispositivos que cercam o sujeito e com os quais ele deve negociar no processo de devir sujeito.

4. O ESTUDO DO PENSAMENTO DE FOUCAULT E HEIDEGGER PARA A ANÁLISE DAS ORGANIZAÇÕES

O estudo do pensamento de Michel Foucault e suas implicações para teoria organizacional e para a administração é ainda bastante recente, com possibilidade de oferecer contribuições importantes para o aprimoramento de conceitos fundamentais, como o da ética do sujeito e a do entendimento de elementos ligados à gestão, como por exemplo, o poder e a subjetividade. Explorar essa possível relação se evidencia como fundamental para entender novas formas de controle do trabalho produtivo. Segundo Crubellate e Walter (2016, p. 3), “pouca atenção vem sendo dada aos limites da autoconstituição ética em organizações modernas, mormente quando consideradas crescentemente tecnificadas daquele contexto de trabalho, com possível alteração da relação entre subjetividade e controle”.

O foco em técnicas de gestão de pessoas implica acessar criticamente instrumentos e discursos geralmente estudados apenas do ponto de vista de sua eficácia empresarial, esquecendo-se de suas possíveis implicações para as relações de poder e de constituição das subjetividades no contexto de trabalho. Na teoria das organizações, apenas recentemente a filosofia heideggeriana começou ser abordada, porém em seu sentido geral, isto é, enquanto uma perspectiva analítica (Tomkins & Simpson, 2015, Painter-Morland & Bos, 2015 apud CRUBELLATE; WALTER, 2016).

De acordo com Crubellate e Walter (2016, p. 4), “a convergência entre as noções de ética e técnica moderna implica pensar o trabalho em si a partir das condições decorrentes daquela técnica enquanto horizonte a partir do qual o sujeito se desoculta, se desvela, na existência”. Nesse sentido, e com o presente projeto, nos propomos a investigar criticamente o sentido de tais técnicas, na sua condição de dispositivos que intermedeiam as práticas discursivas e as relações de autoconstituição do sujeito mediante as quais, atualmente, a Administração e a gestão de pessoas se apresentam como campos legítimos de trabalho e de conhecimento social.

5. METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como qualitativo. O termo “pesquisa qualitativa” é todo o tipo de pesquisa que não pode ter resultados alcançados por meios de procedimentos estatísticos e nem por meios quantitativos (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 23). Ela “lida com interpretações das realidades sociais” (BAUER, GASKELL, ALLUM, 2012, p.23). “A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados” (RICHARDSON, 1999, p. 90). Dessa forma, diversos dados foram coletados e averiguados para que se tivesse uma conclusão da problemática exposta na pesquisa.

A coleta de dados se deu através de entrevistas semiestruturadas (20). As entrevistas foram realizadas com professores-pesquisadores de duas universidades do Estado do Paraná: Universidade Estadual de Maringá e Universidade Federal do Paraná. Essas entrevistas foram realizadas em dois momentos: um primeiro conjunto de entrevistas (11) realizadas no ano de

2012 e um segundo conjunto de entrevistas (9) realizadas no ano de 2013. Destas entrevistas, foram analisadas 10 entrevistas feitas com pesquisadores da área da biologia da Universidade Estadual de Maringá e 10 entrevistas realizadas com pesquisadores da área da biologia da Universidade Federal do Paraná.

Para a análise foram utilizados dois métodos: análise de conteúdo e análise do discurso.

No primeiro momento utilizou-se da análise do conteúdo que segundo Bauer (2012b, p. 190) é um método de análise de texto que visa dar ênfase aos “tipos”, “qualidades” e “distinções”, portanto, essa análise faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos dados. A análise de conteúdo segundo Bardin (1979) é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

A análise do conteúdo teve como objetivo principal, neste estudo, a identificação de dispositivos relevantes e sua descrição à luz da noção heideggeriana de técnica moderna.

Em um segundo momento foi realizado a análise do discurso. Segundo Castro (2009, p. 120) o discurso, a partir do pensamento de Foucault, é –ele mesmo– um elemento, um dispositivo estratégico de relação de poder. Ainda segundo Castro (2009, p. 120) “Foucault se ocupa da função do discurso como formador da subjetividade, essa função consistiria em ligar o sujeito à verdade”. O discurso torna-se então um modo de objetivação do sujeito em termos de verdade. O discurso, sob a perspectiva foucaultiana, é como descreve Araújo (2004):

[...] constituído pelos enunciados que se dispõem numa formação discursiva na qual eles se encontram em relações determinadas, regidas pelos princípios da reutilização, da dispersão, da exterioridade, do acúmulo, da efetividade (ARAÚJO, 2004, p. 231).

Em suma, Araújo (2004) entende que para Foucault, o discurso é uma prática constituída por regras anônimas, históricas, determinadas no tempo e no espaço, que definem as condições de exercício da função enunciativa. Para Foucault (1996a):

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 1996a, p. 49).

Deste modo, para Foucault (1996b) a análise do discurso se baseia naquilo que o texto realmente quer dizer, portanto, no próprio discurso:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1996b, p. 244).

Em termos de categorias a serem identificadas no estudo, essas tiveram como referência a própria noção de dispositivo. Segundo Weinmann (2006, p. 17) um dispositivo é uma configuração específica de domínios do saber e de modalidades de exercício do poder em que exerce uma função estratégica. Desta forma buscaram-se identificar as referências a conceitos, histórias, procedimentos, artefatos, textos, áreas do conhecimento, instrumentos de verificação do trabalho, de controle do tempo de trabalho, dentre outros aspectos que podem

ser classificados como dispositivos (linguísticos e extralinguísticos) e que se apresentaram como relevantes para a descrição do atual trabalho do cientista e de sua autoconstituição enquanto pesquisador.

6. RESULTADOS

Com base nos métodos já descritos de análise, as entrevistas analisadas apresentam diversos dispositivos no seu sentido técnico. O dispositivo engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentadas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, em suma, pode-se dizer que o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1996b). Como proposto para esse estudo, identificamos dispositivos que são relevantes para a constituição do sujeito-pesquisador. Para isso utilizamos algumas características para facilitar a compreensão dos dispositivos tecnificados: *repetitividade*, *calculabilidade* e *voluntariedade*, complementarmente, também a noção de *horizonte (referencialidade)*. Tais características derivam das análises de autovigilância conduzidas por autores como Rose (1999a) e Galimberti (2006).

Um dos dispositivos mais encontrados durante as análises foram às **instituições de ensino** que são os locais onde esses profissionais frequentaram durante seus estudos, como a escola e a universidade. O ensino médio e o ensino fundamental foram ou em escolas públicas e privadas, a graduação desses sujeitos se diversificou entre universidades públicas e privadas aqui mesmo do Brasil, já a pós-graduação variou entre universidades brasileiras e estrangeiras. Podemos observar no discurso de alguns indivíduos relatos sobre as instituições de ensino:

Eu fiz todo o ensino fundamental e médio em São José do Rio Preto, eu saí de São José do Rio Preto para fazer graduação em Londrina, fui para Londrina e estudei na UEL, fiz biologia na UEL (Entrevista UFPR_011, p. 1).

[...] fiz toda a minha formação, em ensino fundamental e médio no Colégio Bom Jesus, um colégio particular. Passei no vestibular da UFPR e na PUC, na UFPR em engenharia e na PUC em biologia e fui fazer biologia na PUC, depois passei no vestibular e fui cursar biologia na UFPR por que era muito cara a PUC também, não dava para pagar. Então fiz graduação na UFPR, o mestrado na UFPR e doutorado na UFPR e em Campinas [Unicamp] (Entrevista UFPR_012, p.1).

O sujeito passa anos estudando em várias séries, podemos então classificar como *repetitividade*. As notas que são necessárias para passar de ano são então consideradas *calculáveis* e, por fim a *voluntariedade* que se apresenta na disposição do indivíduo como aluno a frequentar a escola com vontade própria. Especificamente sobre *voluntariedade* destacamos sua importância para a autoconstituição do sujeito, uma vez que em contextos de trabalho contemporâneo espera-se do indivíduo engajamento e identificação com o trabalho (ROSE, 1999a; GALIMBERTI, 2006).

O **papel do professor** se destacou como um dos principais dispositivos presentes na autoconstituição do sujeito pesquisador. Esse papel do professor pode ser descrito como uma influência que esses sujeitos tiveram de seus professores durante o ensino fundamental e médio, como é possível observar nas seguintes manifestações:

Como eu lhe falei foi o que me atraiu mais. Eu já sabia que não iria para a área de exatas porque eu não gostava tanto e eu gostava muito desse lado de entender a vida mesmo, o desenvolvimento, então a afinidade eu já tinha, e essa afinidade despertou realmente no ensino médio, a partir do Gastão, quando eu estava lá, então eu acho que a influência foi dos professores da época, porque a gente via

realmente o envolvimento deles e quando, às vezes, você já gosta um pouco e você vê o entusiasmo de alguém nesse área, acho que isso foi a minha grande influência (Entrevista UEM_011, p. 3).

[...] foi à disciplina de biologia no colégio, foi aí que eu vi que eu gostava muito, mas acho que tinha uma coisa que ajudava muito, a professora. Eu acho que era um grande estímulo, não porque ela sabia eu gostava ou que eu tinha vontade de fazer essa opção futura, ela não sabia, mas eu sempre gostei muito, era uma boa professora, era uma boa relação professor-aluno, eu acho que isso colabora muito (Entrevista UFPR_011, p. 2).

O meu interesse foi, obviamente, motivado por um bom professor que eu tive de biologia, acho que é sempre assim, você tem um bom professor que acaba te motivando e eu tive interesse, na época, por fazer física, biologia ou medicina (Entrevista UFPR_018, p. 2).

À luz heideggeriana de técnica moderna, o dispositivo **papel do professor** apresenta uma das características, que escolhemos para facilitar o entendimento, da técnica moderna que é o *voluntariado*. Segundo Knowles (apud SOUSA, 2008), o comportamento do professor, provavelmente influencia mais do que qualquer outro fator no processo de aprendizagem. Tal dispositivo pode ser explicado pelo fato que esse professor não teve a intenção de fazer os alunos seguirem a mesma profissão que eles, sendo assim este dispositivo é considerado tecnificado.

Outro dispositivo encontrado foi o **Concurso**. Para ser professor de uma universidade pública no Brasil é necessário prestar Concurso Público que é uma medida administrativa que tem como finalidade avaliar candidatos por meio de provas e entrevistas, desse modo selecionando os sujeitos com maior capacidade para o cargo, conforme é possível observar na expressão dos entrevistados:

[...] no primeiro mandato do Lula, em 2002, ocorreram uma série de concursos públicos antes que ele assumisse aí eu entrei aqui [UFPR] e desde 2002 eu estou aqui (Entrevista UFPR_006, p. 1).

[..] então o meu foco sempre foi o trabalho em ambiente acadêmico. Eu já prestei vários concursos públicos porque eu tinha essa meta mesmo, porque eu queria fazer pesquisa e hoje, no Brasil, são as universidades as instituições que fazem pesquisas, então eu realmente sempre foquei (Entrevista UFPR_014, p. 4).

Na percepção heideggeriana de técnica moderna tal dispositivo apresenta os 3 elementos, que escolhemos como meio de facilitar o entendimento, da técnica moderna: *repetitividade*, *calculabilidade* e *voluntariedade*. A *voluntariedade* se apresenta de modo que o sujeito fez o **concurso** de acordo com sua vontade própria. Os departamentos atualmente escolhem professores que já querem seguir a área de pesquisa, portanto a **produção científica** conta pontos na hora da escolha e o **concurso** então passa ter como elemento a *calculabilidade* e consequentemente se o sujeito teve várias publicações, no caso a *repetitividade* de publicações, ele será escolhido com maior facilidade.

A **produção científica** também foi outro dispositivo técnico encontrado em todas as entrevistas. Hoje no Brasil um pesquisador é avaliado pelo sistema Qualis da Capes, esse sistema determina certa quantidade de publicações que o pesquisador terá que publicar em três anos (em algumas áreas são quatro anos) e determina também a qualidade das publicações, cada publicação em revista tem um peso diferente, no final de três (ou quatro) anos é gerada uma nota para esse professor-pesquisador, conforme manifesta um dos entrevistados:

Existem exigências que são assim, os cursos de pós-graduação são avaliados pela Capes, a Capes é que qualifica e que dá nota. Então sai uma nota a cada três anos e

essa nota pode aumentar ou diminuir, quanto maior a nota, maiores os recursos que o programa recebe. Então o que acontece, para ser um bom programa, para ser reconhecido, para ser referência, isso depende do esforço dos profissionais que estão inseridos naquele programa. Então o que o programa faz, ele tem que ter critério para manter as pessoas ou para eliminá-las, se alguém está pesando negativamente essa pessoa tem que deixar o programa. Então para você se manter num programa você precisa trabalhar muito, você precisa formar pesquisadores, porque quem está na pós-graduação, os pós-graduandos, são alunos que já terminaram a graduação, então eles estão ali para se tornarem pesquisadores, você trabalha na formação do pesquisador, do novo pesquisador, isso é um processo muito legal, mas é cansativo. A produção o que conta, são os trabalhos publicados, não é a publicação em qualquer revista, é isso que é avaliado e as revistas têm peso, então quanto melhor o peso da revista, melhor é o trabalho do pesquisador, é mais reconhecido, mas é mais difícil publicar nas boas revistas. Então para se manter no programa é difícil (Entrevista UFPR_011, p. 5-6).

Tal como o **concurso**, a **produção científica** também apresenta os 3 elementos, que utilizamos para facilitar a compreensão, da técnica moderna. A *repetitividade* se apresenta no contexto de que é necessário publicar várias vezes, pois publicando, por exemplo, somente um artigo o pesquisador não terá a nota necessária para continuar no programa de pós-graduação. Devemos lembrar que conforme Galimberti (2006, p. 688), esse é um dos aspectos importantes da técnica moderna: “o imperativo da técnica [...] conhece só o dever pelo dever, e por isso se deve fazer tudo o que se pode fazer, ainda que não sejam conhecidos os fins pelos quais se deve fazer uma coisa”. Neste caso há um fim, que é o de permanecer na pós-graduação. Porém, nota-se que mesmo assim, essa é uma finalidade puramente formal sem relação com a própria pesquisa; onde o publicar se torna fim em si mesmo.

A **produção científica** é *calculável*, pois existe uma pontuação a ser atingida por parte do pesquisador para que os programas de pós-graduação continuem com boas notas e, por fim, a *voluntariedade*, pois o sujeito escolhe ser pesquisador de livre e espontânea vontade.

A **Formalidade Administrativa** foi outro dispositivo presente nas entrevistas, pesquisadores têm que assumir cargos administrativos, como ser chefe de departamento, enviar relatórios e mesmo resolver pequenos problemas, em suma, é a parte burocrática da universidade, como é possível observar nas seguintes manifestações:

Outra coisa que acontece em universidades como a nossa é que os professores tem pouco tempo para pesquisa porque eles são demasiadamente assimilados por tarefas rotineiras de administração. Então, por exemplo, compras para o laboratório, inúmeros relatórios, avaliações, bancas, banca até que é interessante por que a gente lê alguma coisa de pesquisa não é? Então isso são [pausa] tarefas que poderiam ter uma estrutura, se nossa universidade tivesse estrutura de administração que ela não tem isso estaria solucionado (Entrevista UFPR_002, p5).

[...] o que se quer que o professor universitário faça é muita coisa, porque se fosse só ensino e pesquisa estava bem, mas na universidade você tem que administrar e resolver coisas pequenas, então não funciona, o modelo que nós temos não da certo (Entrevista UFPR_003, p. 7).

Olha, eu acho que o que mais nos priva em certas coisas que a gente gostaria de fazer, de buscar e de aperfeiçoar é a falta de tempo, a sobrecarga de coisas que a gente tem para fazer e que nem sempre são relativas ao ensino ou a pesquisa. Então desde você digitar uma nota preencher um documento. Fazer uma compra, solicitar a compra de uma tomada, limpeza de um local, tem dias que eu mesma jogo o lixo da sala porque zeladora nenhuma entra na minha sala, então tem muitos encargos (Entrevista UEM_017, p. 6).

Ao escolher a profissão de professor-pesquisador, o indivíduo sabe que será condicionado a trabalhar com processos burocráticos, portanto, o trabalho é *voluntário*. A burocracia condiciona o indivíduo a trabalhar com a *repetição* de tarefas, dessa forma o dispositivo é técnico.

Foi observado que a **estrutura física** também é um dispositivo de relevância para a constituição do pesquisador. A estrutura física são as salas de aula, laboratórios, sala dos professores, enfim, a infraestrutura que a universidade oferece e é necessária para que o pesquisador possa exercer sua profissão, como se pode notar nas seguintes manifestações:

Nós temos falta de salas de aula, temos falta de estrutura de laboratório, não é, de instalações hidráulicas, elétricas, então a estrutura é muito deficiente, é muito deficiente. [...] o professor também tem que correr atrás de coisas que são básicas na estrutura mesmo do laboratório, comprar tomada e substituir tomada, coisas do tipo, porque senão as coisas não funcionam, a estrutura é muito ruim sim (Entrevista UFPR_002, p.5).

Por exemplo, essa parede que eu construí a quatro ou cinco anos atrás é aquela coisa de seis meses telefonando, pedindo, quando terá um pedreiro para construir uma parede, enquanto eu não fizer isso eu não posso montar meu laboratório, então a infraestrutura é muito lenta, para trocar uma lâmpada, a parte elétrica, todas essas coisas a gente precisaria, toda a parte de manutenção e infraestrutura precisaria ser muito maior, toda a parte de técnicos precisaria ser muito maior (Entrevista UFPR_014, p. 8).

A técnica se caracteriza também como um *horizonte*, portanto, a **estrutura física**, de maneira mais subjetiva, também se enquadra como dispositivo técnico. O pesquisador depende da **estrutura física** da universidade para desenvolver o seu trabalho, essa estrutura é, portanto, como um pano de fundo para o trabalho do pesquisador. Para Galimberti (2006) a técnica moderna acumula a força da natureza para *colocá-la à disposição* dos próprios projetos e ela trata a natureza como um *fundo de reserva à disposição*, portanto, a técnica que antes era o *medidor* agora, em sua versão moderna, torna-se o *horizonte*.

Para entender melhor o *horizonte* podemos utilizar como exemplo um laboratório de biologia. Atualmente para gerar pesquisas com impacto é necessário ter bons laboratórios com bons equipamentos, pois se utilizar de laboratórios com equipamentos defasados ao terminar a pesquisa ela já pode estar ultrapassado, porque em outro lugar no mundo outra pessoa fez a mesma pesquisa, mas utilizou de máquinas mais modernas e, portanto, mais tecnológicas. Podemos observar no seguinte:

Na minha área eu só preciso de uma lâmina de barbear e o material para fazer, eu não preciso de muita coisa, mas a exigência das pesquisas na minha área requerem outras coisas, requerem, por exemplo, que eu utilize microscopia eletrônica que é uma técnica mais cara, a própria ótica, dependendo da situação também precisa de mais recursos [...] (Entrevista UEM_019, p.8).

Outro dispositivo encontrado foi o **recurso financeiro**. Para conseguir concluir uma pesquisa o pesquisador necessita de bons laboratórios, portanto, necessita de recursos (financeiro) para que esse laboratório esteja com equipamentos adequados. É possível observar tal dispositivo no seguinte discurso:

Olha, o espaço a gente vai criando, você tem que buscar os seus espaços, então muitas vezes a gente encontra dificuldades, muitas vezes com relação a recursos a universidade é pública, talvez se fosse particular também tivesse problemas porque aí o objetivo da universidade seria outro, mas por se tratar de uma universidade pública os recursos não são grandes e a gente tem que ir atrás (entrevista UEM_012, p. 6).

O **recurso financeiro** é *calculável*, pois é dinheiro. Portanto, o dispositivo **recurso financeiro** é considerado um dispositivo tecnificado.

7. CONCLUSÕES

O objetivo do presente estudo foi analisar o processo de autoconstituição de sujeitos-pesquisadores a partir das noções de dispositivo, ética e técnica moderna. Concluímos com o estudo de técnica para Heidegger, que essa é um desencobrimento, um desocultamento. A técnica moderna é, portanto, uma *provocação* da natureza, um desafio que se lhe impõe e cujos resultados trazem consigo o domínio planejado e calculado daquilo que assim se desoculta. É, portanto, o que vem a luz.

Ética para Foucault é o trabalho de tornar-se si mesmo –*subjetivação*– e, o discurso para Foucault é a rede que se pode estabelecer entre os elementos do dito e do não dito.

Como proposta para esse estudo, os dispositivos (no sentido técnico) que se mostraram relevantes na autoconstituição dos sujeitos-pesquisadores foram: *Instituições de Ensino* que são os estabelecimentos de ensino que os indivíduos estudaram durante toda a sua vida; *Papel do Professor* que pode ser colocado com uma influência involuntária que essas pessoas recebem durante sua vida escolar; *Concurso* que é o meio como os sujeitos-pesquisadores ingressam na universidade, a *Produção Científica* que são as publicações, estudos e pesquisas que os sujeitos estudados realizam, *Formalidade Administrativa* pode ser considerada a parte burocrática do trabalho dos indivíduos, a *Estrutura Física* é a estrutura necessária que o professor pesquisador precisa para exercer sua profissão e por fim, o *Recurso Financeiro* é o dinheiro necessário para que se consiga montar e ter uma estrutura física de qualidade.

Os dispositivos se relacionam entre si. A exigência de *formalidade administrativa* gera sobrecarga de trabalho o que reduz o tempo do pesquisador com a *produção científica*. Sem *recurso financeiro* a universidade não consegue bons laboratórios, equipamentos e tudo isso é *estrutura física*. Os professores que passam no *concurso* são, a maioria, mais preparados para a *produção científica* do que para a licenciatura. Como podemos observar, a relação dos dispositivos gera mais análises e com isso novos estudos podem ser feitos.

Do ponto de vista administrativo, podemos concluir com dois aspectos importantes para aqueles que lidam com o trabalho de organização ou coordenação da pesquisa e do próprio trabalho do pesquisador. O primeiro desses aspectos é a clara noção de que o engajamento com esses dispositivos técnicos não se dá, em primeiro plano, por uma questão de coerção externa que incida sobre os pesquisadores. O que evidenciamos é que eles estão dispostos a – eles voluntariamente procuram – enquadrar-se no que os dispositivos demandam e oferecem. Eles querem produzir cientificamente, ter condições físicas e recursos adequados para suas pesquisas e publicações. Ao mesmo tempo – e esse é o segundo aspecto – tal voluntariedade não pode ser entendida como individualmente orientada. Ou seja, não se trata de um empenho apenas de indivíduos isolados. A questão da técnica parece evidenciar que há elementos objetivos que afetam o trabalho do pesquisador, e sua autoconstituição. Disso decorre que a Universidade, como instituição, como fornecedora da estrutura e dos recursos necessários à pesquisa (além de agências e fomento, etc.) torna-se crescentemente fundamental para o trabalho e a própria identidade do pesquisador. A gestão desses aspectos se torna, então, intimamente conectada não apenas ao trabalho (enquanto atividade secundária) mas à própria autoconstituição do sujeito, à sua identidade.

Tais dispositivos são intimamente vinculados à autoconstituição daqueles sujeitos-pesquisadores. É por meio deles que o professor universitário se posiciona e é reconhecido, perante si mesmo primeiramente e perante sua comunidade de pares, como sendo um pesquisador.

8. REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso: Introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Ed.70, 1979.
- BAUER, Martin W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual. Rio de Janeiro: Vozes, 2012b.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. **Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento**. In. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CASTRO, Edgard. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CRAIA, Eladio. Heidegger e a técnica: sobre um limite possível. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 25, n. 36, p. 241-264, 2013.
- CRUBELLATE, João Marcelo. Profissionalização do trabalho científico, novas formas de poder-controle e práticas de constituição de si (autovigilância, técnica e ética do trabalho científico). **Projeto de Pesquisa**. Maringá: UEM, 2013.
- CRUBELLATE, João; WALTER, Bruno. **Ética, Técnica e Lógica Institucional da Autovigilância no Fazer-se Cientista**. Working paper. UEM, 2016.
- DUARTE, André. **Vidas em Risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manuel Barros (Org.). **Foucault – ética, sexualidade, política**. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forence Universitária, p. 264-287, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996a.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996b.
- FOUCAULT, Michel. Política e Ética: uma entrevista. In: MOTTA, Manuel Barros (Org.). **Foucault – ética, sexualidade, política**. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forence Universitária, p. 212-218, 2014.
- GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e techne – o homem na idade da técnica**. São Paulo: 2006.
- GILL, Rosalind. **Análise de discurso**. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- GRANGER, Gilles-Gaston. **A ciência e as ciências**. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. In. Cadernos de Tradução 2. São Paulo: Departamento de Filosofia – USP, 1997. p. 42-93.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.
- PEREIRA, Oswald Porchat. **Ciência e dialética em Aristóteles**, São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSE, Nikolas. **Governing the soul** – the shaping of the private self. 2nd ed. London: Free Association Books, 1999b.

ROSE, Nikolas. **Powers of freedom** – reframing political thought. Cambridge: Cambridge University Press, 1999a.

SOUSA, Rones Aureliano. **A influência do/a professor/a na vida acadêmica do/a aluno/a**. Olhares e Trilhas: Uberlândia, Ano XI, n. 9, p. 11-18, 2008.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Tradução Luciane de Oliveira da Rocha. – 2. ed. – Porto Alegre: Artimed, 2008.

WALTER, Bruno; WINKLER, Carolina; CRUBELLATE, João. O ideário taylorista, a gestão da subjetividade e o poder pastora. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 11, n. 1, artigo 2, 2013.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. **Dispositivo: um solo para a subjetivação**. In. *Psicologia & Sociedade*; 18 (3): 16-22; set/dez. 2006.

ZARIFIAN, Philippe. Engajamento subjetivo, disciplina e controle. **Revista Novos Estudos**. n. 64, p. 23-31, 2002.